

Mulher, maternidade e trabalho: análise semiótica do sujeito-mãe no exame Celpe-Bras

*Women, maternity and work: semiotic analysis of the mother subject
in the Celpe-Bras exam*

Oriana de Nadai Fulaneti*

Jessy Késsia de Carvalho Pereira**

Resumo: Este artigo se propõe a verificar como o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) aborda o sujeito feminino. Mais especificadamente, visamos compreender como se constitui a concepção de maternidade atrelada ao trabalho nos elementos provocadores da prova oral do exame. Para tanto, selecionamos dois textos em períodos diferentes e realizamos a análise tomando como base os pressupostos teórico-metodológicos da Semiótica Francesa, além das contribuições dos estudos de Beauvoir (2019), Badinter (1985) e outras sobre o conceito de maternidade. Resultados apontam ligeira alteração na concepção de maternidade, no exame entre as décadas de 1980 e primeira de 2010.

Palavras-chave: Celpe-Bras. Elementos provocadores. Maternidade. Trabalho. Semiótica discursiva.

Abstract: This article aims to verify how the *Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros* (Celpe-Bras) addresses the female subject. More specifically, we aim to understand how the conception of maternity related to work in the provoking elements of the oral exam. To do so, we selected two texts in different periods and carried out the analysis based on the theoretical and methodological assumptions of French Semiotics, in addition to the contributions of the studies of Beauvoir (2019), Badinter (1985) and others on the concept of maternity. Results point to a slight change in the concept of maternity in the examination between the 1980s and 2010s.

Keywords: Celpe-Bras. Causing elements. Motherhood. Work. Discursive Semiotics.

* Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

** Graduada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Introdução

No final do século XX, diante do crescimento do número de estrangeiros no Brasil e com o advento da globalização das culturas na era digital, abriu-se maior espaço para a área de Português para Estrangeiros (PLE) e políticas internacionalizadoras do nosso idioma. Dessa maneira, para preencher a demanda de trabalhadores e estudantes internacionais no País, foi criado pelo Ministério da Educação brasileiro (MEC) o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), em 1998. Trata-se da única prova reconhecida pelo governo brasileiro que atesta a proficiência em Português, exigida por faculdades para admitir o ingresso de alunos ou para a validação de diplomas estrangeiros e, muitas vezes, solicitada no mercado de trabalho, para aqueles estrangeiros que pretendem trabalhar no Brasil.

O exame, elaborado por uma Comissão Científica formada por professores universitários selecionados pelo MEC, possui um viés comunicativo, em que os participantes são avaliados nas categorias Escrita e Oral. Na escrita, o examinando deve redigir quatro tarefas, escritas conforme a assimilação de um vídeo, um áudio e de dois textos escritos. Já na prova oral, denominada de interação Face a Face, são avaliadas a compreensão e produção oral dos participantes. Nela, propõe-se uma entrevista de 20 minutos, em que o examinando deve se esforçar para interagir e responder às perguntas do Avaliador-Interlocutor, formuladas a partir dos Elementos Provocadores (EP). Dessa forma, trata-se de uma conversa, em que o avaliador faz perguntas ao avaliado, norteadas, inicialmente, com perguntas pessoais e, logo em seguida, baseada unicamente em perguntas preestabelecidas pelo exame, acerca dos elementos provocadores.

Tais elementos abordam uma grande variedade de assuntos, desde questões de lazer, esporte, viagens, saúde e bem-estar,

tecnologia, beleza, cultura brasileira no geral e até situações sociais como preconceitos e papéis de gênero impostos. No que diz respeito ao material dos elementos provocadores, faz-se necessário deixar claro que este é composto com textos de gêneros diversos, ou seja, utilizam-se capas de revistas, ilustrações, reportagens, músicas, cartazes, *outdoors* e textos da própria *internet*, que contêm linguagem verbal e/ou não verbal, para construir os EPs que são aplicados no exame.

Sendo assim, nossa análise será centrada na prova oral do exame, visto que esses elementos provocadores não possuem uma visão neutra em sua construção, ou melhor, o exame, ao selecionar esses textos e não outros, traz uma visão de mundo e de cultura brasileira para os estrangeiros, a qual, por diversas vezes, pode parecer estereotipada, principalmente no que tange ao sujeito feminino.

Este trabalho apresenta uma parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla que está sendo realizada sobre a imagem da mulher presente na totalidade dos 757 elementos provocadores utilizados nas 42 edições do exame Celpe-Bras (1998-2019).¹ O objetivo geral da pesquisa é verificar como esses textos, utilizados como base de discussão e aprofundamento de pautas brasileiras na prova, abordam o indivíduo-mulher. No presente artigo, iremos discutir mais especificamente a concepção de maternidade, por se tratar, ao lado da beleza, de um dos temas mais abordados nos elementos provocadores do Celpe-Bras quando o assunto é mulher.

Nesse cenário, sob a estreita de passado e presente da prova Celpe-bras, destacaremos dois elementos provocadores de épocas distintas, com onze anos de diferença cada, que abordam a concepção da maternidade e trabalho. Tudo isso a fim de expor a perspectiva

¹ Os elementos provocadores do conjunto de edições estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/acervo>. Outra parte da pesquisa encontra-se em Pereira (2020), disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17588>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ideológica do exame Celpe-Bras, assim como da própria sociedade brasileira, em dois períodos distintos. Essa pesquisa se faz relevante, uma vez que a mulher com filhos, além de geralmente possuir um salário inferior ao dos homens com mesma qualificação profissional, ainda é submetida a um elevado índice de trabalho doméstico, acumulando aquilo que é conhecido como “tripla jornada”.

No que concerne ao referencial teórico-metodológico, tomaremos como base a semiótica de linha francesa, teoria de grande capacidade heurística que compreende a construção do sentido como uma produção gerativa, ou seja, em patamares. Nessa perspectiva, Greimas (1973, 1979) concebe uma metodologia de análise, o percurso gerativo do sentido, composto pelos níveis fundamental, narrativo e discursivo, em um percurso que vai “do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto”.

Após a consolidação do Percurso Gerativo do Sentido, os semioticistas passam a se dedicar a novos desdobramentos teóricos, voltando-se, entre outros, para a análise de textos visuais e verbovisuais. Essa perspectiva, que tem como um dos fundadores Jean Marie Floch (1985, 1995, 2002), atrai muitos interesses, dando corpo a uma abordagem que ficou conhecida por muitos como Semiótica Plástica ou Sincrética, desenvolvida por diversos pesquisadores brasileiros, dentre os quais destacamos Teixeira (2004, 2009). Dessa forma, como os elementos provocadores são textos verbovisuais, nosso método de análise utiliza-se, de modo complementar, de conceitos do plano do conteúdo, trazidos por Greimas, e do plano da expressão, propostos por Floch.

Para além das teorias de fundamentação da análise, utilizamos também as teorias feministas de Beauvoir (2019), Badinter (1985), dentre outras, as quais nos guiarão na discussão sobre o feminino e a maternidade.

Na continuidade, faremos uma breve discussão sobre mulher e a maternidade, a qual será seguida da exposição dos conceitos-chave de semiótica. Em uma quarta seção, analisamos os elementos provocadores, finalizando com a discussão acerca dos resultados da análise.

O sujeito-mãe na sociedade

No desenvolvimento desta seção, procuramos trazer à luz alguns discursos construídos sobre a mulher, que parecem relevantes para a construção da análise, em especial aqueles forjados em olhares de uma sociedade patriarcal que, baseados em implicações biológicas, subjuga o sujeito-mãe. Assim, vão se delineando mais claramente as opressões da maternidade ao sujeito feminino nesse vínculo estreito entre a dominação e exploração do corpo da mulher.

Como expõe Beauvoir (2019, p.113-116), partindo do discurso do “privilégio biológico”, de ser “mais forte” e “não parir”, os homens, historicamente, passam a se afirmam-se como sujeito superiores, colocando a mulher na condição de serva e propriedade. Para a autora, desde os primórdios da sociedade, a mulher não teve poder para decidir seu destino, escolher suas próprias ideias e conduzir sua vida.

Na realidade, a existência feminina, por muito tempo, resumiu-se a prestar auxílio ao masculino, exalar beleza e dar filhos (mais mercadorias). Isso porque, nesse percurso da mulher, como o *Outro inferior*, desenvolvido pelos discursos biologizantes, matrimoniais e “sexualizadores”, o sujeito feminino foi oprimido nos papéis de esposa, objeto sexual, mãe, dentre outros. Isso porque, para o patriarcado, a mulher deve se adequar à figura feminina perfeita, ao discurso forjado, para, enfim, perpetuar a existência.

No que diz respeito às opressões ao sujeito-mãe, a partir da criação de um senso comum de que a maternidade é instintiva para

a mulher, concebeu-se a noção de que a função é por excelência da natureza feminina. Essa crença, apoiada pela biologia e reforçada, a partir da constituição da família, foi desenvolvida culturalmente e permanece firme até os dias atuais na sociedade. Conforme Stevens:

A maternidade, tradicionalmente assumida como o alicerce da estrutura familiar, passou a ser controlada de várias formas, com uma surpreendente proliferação de discursos patriarcais que buscam entender e controlar o que se considera o “imperativo da reprodução” (STEVENS, 2007, p. 86).

Os cuidados e afetos à prole sempre foram exigências do patriarcado. Para a mulher cabia a função do espaço doméstico e da maternidade, devido à sua “inferioridade”. Isto é, por causa da possibilidade de gerar uma criança, era limitada e encerrada nessa função, enquanto ao homem cabia a procura de suas razões de viver e da libertinagem mundana. “A maternidade destina a mulher a uma existência sedentária; é natural que ela permaneça no lar enquanto o homem caça, pesca e guerreia” (BEAUVOIR, 2019, p. 103-104). Dessa forma, sempre foi limitada ao papel materno e obrigada a exercê-lo.

Contudo, a maternidade não era concebida como é atualmente, o que havia era uma relação de superioridade do homem em relação à mulher. Eram submissas à autoridade do chefe da família, pois era ele que detinha a casa, os bens e tudo que “possuíam”, aqui se inclui até as crianças. Desse modo, das civilizações antigas até a Idade Média, a maternidade é uma obrigação do sujeito feminino. Ela precisava ter filhos para compor a família e manter hereditários os bens, mas não havia nenhum reconhecimento desse fato. Dessa maneira, a mãe oferecia os cuidados para o crescimento da criança, mas essa ação não era considerada de sua natureza, e sim sua obrigação social.

Como destaca Badinter (1985, p. 145), a partir de uma revolução na condição do sujeito feminino como mãe, constitui-se na sociedade o

conceito do instinto materno. Ele passa a ser disseminado por inúmeras publicações que incentivam (obrigam) a mulher a assumir pessoalmente o cuidado de seus filhos. Surge, então, [...] “a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade” (BADINTER, 1985, p. 145-146). Para o autor, esse discurso de naturalização dos cuidados da mãe não passa de um jogo do Estado, para diminuir a mortalidade infantil, resultado da negligência parental. Desse modo, foram desenvolvidos dois discursos diferentes que visavam a convencer a mulher a exercer a função do amor materno, baseados em fatores econômicos e filosóficos.

Sobre o amor paterno, entretanto, pouco se fala. A mãe é encarregada de cuidar dos filhos e educá-los, mas o indivíduo masculino é quase inexistente nessa criação. Seu carinho e afeto nunca são cobrados como naturais, esses conceitos são exigências da índole feminina. O homem nunca aparece como um pai detentor de afeição e amor, apenas cumpre seu dever de autoridade com rigidez e frieza. Essa situação se repete até os dias atuais, pois poucos são os que não assumem apenas o papel de provedor. E, quando se responsabilizam pelos seus filhos com cuidados e afeto, passam a ser homenageados e admirados, como se estivessem fazendo um esforço extra e não cumprindo uma função tão necessária para a formação da criança quanto à materna.

Assim, o amor materno não constitui um sentimento imanente à mulher, ele não é de modo algum um determinante do sexo feminino, mas algo que se projeta com as intensas cobranças da sociedade patriarcal. Desde muito cedo, as meninas são instruídas a serem capazes de grandes sacrifícios por seus filhos, devendo apresentar as características de amável, compreensiva, equilibrada, cuidadora e doce. Funda-se um ideal, um modelo de mãe perfeita, uma imagem da maternidade montada sob uma opressão ao gênero feminino.

Em virtude dessa difusão do patriarcado, é comum encontrar frases que exigem de mulheres casadas a presença de uma criança, a maternidade se torna uma obrigação imposta ao feminino pelo patriarcado, para que a mulher esteja “realizada”. Como se o indivíduo feminino nascesse incompleto e somente depois da maternidade passasse a viver integralmente. Contudo, essa associação não passa de opressora e mentirosa, levando diversas mulheres a uma maternidade forçada, o que resulta no crescimento de crianças sem auxílio. Vê-se, portanto, que “não há mãe ‘desnaturada’, posto que o amor materno nada tem de natural: mas precisamente por causa disso há mães más” (BEAUVOIR, 2019, p. 326).

Tem-se, então, que tanto a maternidade, como a paternidade, sendo esta “alcançada” com diversas manifestações feministas, não significam nada além de construções sociais. A forma como a mulher reagirá com sua prole depende de diversos fatores, tais como sociais, econômicos e psicológicos, são essas situações que ditarão as responsabilidades que a mãe exercerá ou não. São diversas as circunstâncias que enumeram a criança como um fardo ou uma dádiva para a mãe, sendo, portanto, o amor materno não determinante no cerne feminino. Desse modo, trazendo à luz Beauvoir (2019), “[...] não existe ‘instinto’ materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume” (BEAUVOIR, 2019, p. 312).

Mesmo que o discurso biológico e social ainda permaneça enraizado na cultura da sociedade, muitas conquistas femininas promoveram a autonomia das mulheres em vários quesitos. Por exemplo, com a Revolução Industrial alguns ideais de liberdade invadem a vida da mulher, uma vez que a demanda de trabalhadores do sistema capitalista possibilita (exige) o trabalho feminino. Assim, o advento

de métodos anticoncepcionais e contraceptivos proporcionaram às mulheres reivindicar o direito à livre escolha da maternidade.

Entretanto, ainda que a conquista do trabalho seja um difusor da melhoria, ela não se configura de modo algum como modificador na estrutura social das ideologias patriarcais. Ao contrário, nesse período inicial a hierarquia dos gêneros persiste nas fábricas, e a mulher se mantém mais escravizada nas relações de trabalho do que o homem. Elas recebem uma remuneração inferior à exigida pelo sexo oposto, trabalham mais horas e são expostas a todos os tipos de abusos sexuais por seus exploradores. Como explana Beauvoir:

A mulher reconquista uma importância econômica que perdera desde as épocas pré-históricas, porque escapa do lar e tem, com a fábrica, nova participação na produção. É a máquina que dá essa modificação violenta, porque a diferença de força física entre trabalhadores masculinos e femininos se vê, em grande número de casos, anulada. Como o súbito desenvolvimento da indústria exige uma mão-de-obra mais considerável do que a fornecida pelos trabalhadores masculinos, a colaboração da mulher é necessária. [...] Jules Simon em *L'Ouvrière* e até o conservador Leroy-Beaulieu em *Le Travail des femmes au XIXe*, publicado em 1873, denunciavam abusos odiosos; este último declara que mais de duzentas mil operárias francesas não chegam a ganhar cinquenta centimos por dia (BEAUVOIR, 2018, p. 165-166).

Esses episódios de inferioridade, assédios, baixas salariais, obrigatoriedade de serviços domésticos e maternidade induzida persistem até hoje. Além disso, torna-se uma batalha imensa conciliar a maternidade com o trabalho, pois o discurso patriarcal produz muito fortemente um modelo de “boa mãe”, como sendo uma esposa dedicada exclusivamente aos filhos, ao mesmo tempo em que impera um capitalismo que exige um compromisso profissional integral que desconsidera completamente as demais funções da mulher. Nesse sentido, a mulher é levada a acreditar que seu desempenho profissional deve estar sempre em segundo plano, pois sua principal atividade é

ser mãe, o que faz com que ela viva muitas vezes em conflito e se sinta culpada ao ter que privilegiar aspectos de sua carreira. Como afirma Scavone:

Este significado revela que, apesar das inúmeras mudanças ocorridas na situação social das mulheres, a realização da maternidade ainda “compromete” consideravelmente as mulheres e revela uma face importante da lógica da razão androcêntrica. Com toda a certeza, a maternidade ainda separa as mulheres socialmente dos homens e pode até legitimar, em determinados contextos, a dominação masculina (SCAVONE, 2016, p. 149-150).

Por esse motivo, é importante discutir a questão da maternidade nas mais variadas facetas feministas, encontrando possibilidades de expô-la não como uma oportunidade de dominação dos corpos femininos. Diante dessas discussões, buscamos em nossa análise verificar qual é o discurso presente nos elementos provocadores do Celpe-Bras, acerca da relação entre maternidade e trabalho.

Semiótica discursiva: elementos do Percurso Gerativo do Sentido

Na perspectiva da Semiótica Francesa de Greimas, o processo de produção de sentido no texto constitui-se como gerativo, isto é, em patamares de significação; sintagmático, fundado na produção e interpretação não de palavras isoladas, mas de todo o discurso; e geral, ou seja, aplicado a diferentes modos de expressão. Esse processo é dividido em três mecanismos interdependentes: o fundamental, o narrativo e o discursivo, cada um com uma sintaxe e uma semântica.

Passaremos a expor, a seguir, não o Percurso Gerativo do Sentido de modo exaustivo, mas apenas os elementos de cada nível que se fazem pertinentes para a análise do *corpus* selecionado.

No nível fundamental tem-se uma oposição semântica de base, que concentra abstratamente todo o sentido do texto. Para haver oposição,

é preciso que os termos pertençam a um mesmo eixo semântico e estabeleçam uma relação de contrariedade. Assim, é possível opor beleza *versus* feiura, mas não vida *versus* cultura, por exemplo, pois estes não possuem traços comuns. Cada um dos eixos recebe uma valorização, que pode ser eufórica (positiva) ou disfórica (negativa), a depender do discurso.

O nível narrativo representa o fazer do homem no mundo. Nele, as oposições instauradas no nível fundamental são complexificadas, fazendo surgir transformações, as quais marcam a sintaxe narrativa. Greimas (1973, 1979), em sua pesquisa sobre o nível narrativo tem, entre as influências, o *narratologista* Vladimir Propp (1970) e os estudos míticos do sociólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss. Na busca de encontrar as estabilidades presentes nas narrativas, o semioticista propõe quatro funções actanciais: sujeito – objeto, destinador e destinatário.

A unidade mínima de análise no nível narrativo é o programa narrativo, que opera a passagem do sujeito de um estado para outro. Assim, tem-se inicialmente um sujeito de estado, que se encontra em conjunção ou disjunção com seu objeto e, após a transformação, tem sua relação de junção modificada. Dessa forma, podemos trazer como exemplo uma mulher que se torna mãe representa o revestimento de um sujeito que passa de um estado inicial de disjunção para um estado final de conjunção com a maternidade – no caso, seu objeto-valor.

Os textos, em sua maioria, não são constituídos de uma narrativa simples, com uma única transformação, mas de um conjunto de mudanças que se organizam hierarquicamente. Nessa perspectiva, faz-se necessário alcançar inicialmente os objetos que contêm valores “intermediários”, de “competencialização”, os valores modais, “como o dever, o querer, o poder e o saber que modalizam ou modificam a relação do sujeito com os valores e os fazeres” (BARROS, 2005, p.

25) para, em seguida, alcançar o valor final ou descritivo. Voltando ao exemplo da maternidade, uma mulher que pretende ter um filho biológico (valor descritivo) precisa antes, no mínimo, engravidar, manter uma gravidez saudável e ter um parto bem realizado. Todas essas etapas são parte dos valores modais.

Em sua pesquisa, Greimas (1973, 1979) observa uma estrutura que se repete com bastante frequência nas narrativas, o esquema narrativo-canônico, formado pelas seguintes etapas: manipulação, competência, *performance* e sanção. Na manipulação, o destinador procura convencer o destinatário a fazer alguma coisa. Caso aceite a proposta do destinador, o destinatário torna-se sujeito e vai em busca de realizar a ação (transformação para alcançar o objeto desejado), a qual poderá ocorrer em duas etapas, a competência (em busca dos valores modais) e a *performance* (a junção com o valor descritivo). Por fim, na sanção, o destinador- julgador reconhece se houve ou não a realização da *performance* e, eventualmente, distribuem-se prêmios e/ou castigos. Mais uma vez, voltando ao exemplo da maternidade, uma mulher pode estar em dúvidas se quer ou não ter um filho e ser convencida por um destinador (o marido, o médico, a própria mãe, os valores sociais, etc.) a ter um filho. Quando incorpora o querer, torna-se *sujeito* e vai em busca do *objeto-valor*. A *performance* corresponde ao ato de se tornar mãe, e, por fim, na sanção, passar a ser reconhecida como mãe, o que pode vir acompanhado de presentes ou não. Vale ressaltar que essas etapas nem sempre estão explicitamente presentes nos textos, mas funcionam como pressuposição lógica na construção do sentido.

Por fim, no nível discursivo, as estruturas sêmio-narrativas são transformadas em discurso por um sujeito da enunciação. Por meio de operações de debreagem, projetam-se as categorias de pessoa, tempo e espaço. A debreagem enunciativa ocorre, quando há projeção das

categorias da enunciação no enunciado – eu, aqui, agora. Trata-se de uma debreagem que resulta em efeito de sentido de subjetividade e de aproximação entre o enunciador e o enunciado. No caso da debreagem enunciva, há a projeção de um ele, lá, então, produzindo um efeito de sentido de distanciamento e de objetividade. É importante deixar claro que não temos apenas duas possibilidades de debreagem, quais sejam: eu-aqui-agora *versus* ele-lá-então, pois as categorias podem se alternar de acordo com o elemento projetado. Assim, pode haver a projeção enunciativa de pessoa (eu), mas enunciva, de tempo e espaço (então, lá) e outras tantas configurações.

Na semântica discursiva, os programas narrativos são revestidos por temas, que podem ou não ser “figurativizados”. Enquanto os textos temáticos trazem à representação discursiva algo mais conceitual, remetendo ao plano da interpretação, os figurativos são a tradução do real, de algo mais palpável, com ênfase na descrição e representação, produzindo um efeito de realidade. São temas: maternidade, liberdade, beleza; já figuras são: mulher, casa, cabelo. Como destaca Fiorin (2018, p. 91) na categorização dos discursos figurativos e temáticos. “Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-los.” Desse modo, para exemplificar o que fora exposto, um tema como maternidade pode ser figurativizado por um percurso que envolve as figuras: berço, chupeta, bebê, etc.

Assim, o esquema narrativo tem seu discurso revestido por um percurso temático, compreendido como um encadeamento de temas, que poderá ou não ser revestido por um percurso figurativo. Esses revestimentos temáticos e figurativos associam-se diretamente ao contexto sociocultural do texto, revelando a ideologia que perpassa no discurso.

Elementos de Semiótica Sincrética

Como dito na introdução, o Percurso Gerativo do Sentido, cujo resumo apresentamos anteriormente, foi desenvolvido voltando-se para o plano do conteúdo. Posteriormente, semioticistas começam a se debruçar também ao plano de expressão e a objetos que possuíam diferentes modos de expressão, chamados de sincréticos, como bem apresenta Teixeira:

[...] um objeto que, acionando várias linguagens de manifestação, está submetido, como texto, a uma enunciação única que confere unidade à variação. Objetos sincréticos, para dizer com mais rigor, são aqueles em que o plano de expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias mobilizadas por uma única enunciação cuja competência de textualizar supõe o domínio de várias linguagens para a formalização de uma outra que as organize num todo de significação (TEIXEIRA, 2004, p. 235).

Desse modo, a sincretização é um meio de enunciação que integra múltiplas linguagens, com o intuito de conferir um sentido ao texto, promovendo uma relação do conteúdo com o modo como é expresso.

Neste artigo, os elementos provocadores do Celpe-Bras estão sendo considerados textos sincréticos. Tomando como base pesquisas de semiótica plástica, sobretudo do semioticista francês Jean-Marie Floch (1983, 1995, 2002), Teixeira (2004, 2009) desenvolve uma metodologia para a análise de textos sincréticos verbovisuais, e propõe incorporar aos estudos do conteúdo as seguintes categorias de expressão: cromáticas, eidéticas, topológicas e matérias. É por meio desses elementos que se compreende o efeito de sentido perpassado no plano de expressão e conteúdo dos textos. Para melhor apresentar essas dimensões de análise de texto verbovisuais moldadas por Teixeira (2009), e que serão utilizadas na análise dos elementos provocadores do Celpe-Bras, observemos o quadro abaixo:

Quadro 1 – Categorias de análise do Plano de Expressão

Categoria	Análise	Relações de Contraste
Cromática	Combinações das cores	Claro <i>versus</i> Escuro; Puro <i>versus</i> Mesclado; Saturado <i>versus</i> Não saturado; Monocromático <i>versus</i> Multicromático; etc.
Eidética	Relações entre formas	Curvilíneo <i>versus</i> Retilíneo; Arredondado <i>versus</i> Pontiado; Multiforme <i>versus</i> Uniforme; etc.
Topológica	Orientação das formas no espaço	Inferior <i>versus</i> Superior; Esquerdo <i>versus</i> Direito; Central <i>versus</i> Periférico; Englobante <i>versus</i> Englobado;
Matérica	Efeito das pinceladas, da tinta e do suporte na obra artística	Rugoso <i>versus</i> Liso; Diluído <i>versus</i> Pastosa; Contida <i>versus</i> Soltas; Com relevo <i>versus</i> Sem relevo; etc.

Fonte: Teixeira (2008, p. 304-305).

Na categoria cromática, são analisados o sentido das cores e suas combinações, estabelecendo relações contrastivas. Com relação às características eidéticas, as formas são entendidas como um entrelaçamento de linhas e proporções justapostas, determinadas por

meio de relações de contraposição, como: curvilíneo *versus* retilíneo. A categoria topológica analisa o espaço onde os elementos estão inseridos. E, por fim, a categoria matéria refere-se aos efeitos artísticos alcançados na matéria, sendo explorada mais especificamente nas artes plásticas.

Em nossa análise, serão consideradas apenas as categorias: cromática, eidética e topológica, devido ao caráter de nosso objeto. Consideraremos também, além da expressão, o conteúdo visual, pois compreendemos que as imagens presentes nos elementos provocadores correspondem, semioticamente, a figuras do conteúdo visual, as quais, por sua vez, remetem a temas.

Maternidade e trabalho nos elementos provocadores do Celpe-Bras

Dentre os cinco elementos que discutiam as facetas do feminino e da maternidade, foram selecionados dois em épocas distintas, que traziam a mesma discussão, ou seja, o sujeito-mãe e o trabalho. Isso porque, dentre os elementos que apresentavam a figura feminina associada à categoria maternidade, três traziam a faceta do trabalho como um dos temas centrais.

Ao longo da análise, apresentaremos, primeiramente, o Plano de Expressão, ou seja, diagramação, formas, cores, iluminação, textura e tudo o que compõe a parte visual do elemento. Em seguida, evidenciaremos os aspectos do Plano de Conteúdo, partindo do nível discursivo até o fundamental, buscando traçar um perfil da mulher com filhos no exame Celpe-Bras, assim como da própria sociedade brasileira, nas duas décadas.

Desse modo, como ponto de partida, escolhemos o elemento provocador (Figura 1) abaixo, retirado da edição de 2008.1, que

aborda uma discussão sobre o sujeito feminino conciliar trabalho e vida doméstica:

Figura 1 – Elemento provocador “Mãe, não vá trabalhar”

Celpe Bras | Interação Face a Face
2008/1.º

Elemento Provocador 9



**Mãe,
não vá
trabalhar!**

As novas fórmulas que as mulheres estão buscando para conciliar filhos, marido e compromissos profissionais, naquele que é o maior dilema familiar da vida moderna

Fonte: www.ufrgs.br, 2021/2008 n.º 1/086.

cespeUnB
Centro de Seleção e Promoção de Eventos

Fonte: Celpe-Bras, 2008.²

² Disponível em: http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2008_1. Acesso em: 12 abr. 2021.

O elemento provocador acima utilizou como material de base para discussão a capa da revista ISTOÉ edição n. 1.896, publicada em 22 de fevereiro de 2006.

Na análise do Plano de Expressão, observa-se como destaque a categoria topológica a partir das oposições *central versus periférico*, pois nas orientações espaciais do texto a criança está na posição central em comparação à mãe, colocada mais periféricamente na imagem. Nesse contexto, provoca-se um efeito de sentido de maternidade, do cuidar da criança, como principal foco. Isso se dá porque nenhum elemento visual que remeta ao aspecto do trabalho ou mesmo da própria mulher por inteira é visto na imagem. A mulher é fragmentada com as suas demandas, mas precisa voltar a cuidar dos filhos por completo. A criança é o centro da imagem, e o texto verbal que traz a perspectiva infantil também ganha um espaço privilegiado, cabendo à perspectiva da mulher o fragmento das pernas e um texto verbal em fontes menores, na parte baixa do elemento provocador.

Na categoria Eidética, chamam a atenção as formas do *retilíneo versus curvilíneo*. Enquanto o curvilíneo é visto em toda a figura infantil, desde a cabeça, da blusa até o corpo, o retilíneo se faz presente na perna da mãe. Essa configuração mais arredondada sugere um efeito de sentido de jovialidade na criança, em contraste com o reto e sem curvas da perna da mãe adulta.

No que diz respeito à categoria cromática, as relações de contraste se destacam para definições de *saturado versus não saturado*. A criança é apresentada com cores saturadas bem-presentes; mesmo que ainda utilize o branco como maioria, sua cor fortemente alaranjada se destaca no campo visual. Já grande parte da perna da mulher confunde-se com o fundo branco, apenas o pé possui alguma saturação com as unhas pintadas de laranja. Essa configuração de cores evidencia o efeito de sumiço da figura materna, uma vez que sua presença se confunde com

o restante em branco, enquanto “abandona” o filho carente. De modo semelhante, o texto verbal que representa a voz do filho é muito mais nítido que aquele que trata da perspectiva da mãe.

Partindo para a análise do Plano de Conteúdo do elemento provocador, mais especificadamente na sintaxe discursiva, verificamos a projeção no enunciado de duas vozes distintas. A primeira fica nítida na manchete do texto “Mamãe, não vá trabalhar” que, auxiliada pela figura infantil, marca a voz de uma criança clamando por sua mãe, produzindo um efeito de sentido de subjetividade e aproximação com o leitor. Nesse sentido, observa-se que a revista faz uso de um discurso emocional, fundado no imaginário da sociedade patriarcal da mãe como cuidadora, para legitimar sua argumentação.

Já a segunda voz, posicionada mais abaixo e com letras menores, refere-se à voz do narrador, o sujeito responsável pela reportagem. Projetada em debreagem enunciativa, seu efeito de sentido é de objetividade e verdade, como se apresentasse, de modo neutro, o “maior dilema familiar da vida moderna”, qual seja, o fato de a mulher exercer outra função além de mãe e dona de casa.

Na configuração da semântica discursiva, observa-se que a figura da criança agarrada à perna feminina, em conjunto com a frase “Mamãe não vá trabalhar” compõe os temas maternidade e trabalho, tratado como um *dilema*. Consultando o dicionário Houaiss *on-line*, encontramos a seguinte definição para o substantivo dilema: “necessidade de escolher entre duas saídas contraditórias e igualmente insatisfatórias”.³ Observa-se, portanto que, se a questão é tratada como um dilema, não existe possibilidade de conciliação, havendo apenas duas saídas contraditórias para a mulher: trabalhar ou não trabalhar.

Não à toa as mulheres estão procurando *fórmulas* para solucionar esse problema. Mais uma vez recorrendo ao dicionário, temos, entre

³ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2021.

as acepções da palavra fórmula: “6. Meio de acesso; chave; segredo; caminho. 7. Modo de proceder; método; norma; processo”.⁴ É preciso encontrar um verdadeiro segredo para conseguir conciliar o que, aparentemente, é inconciliável. *Aparentemente*, no caso, refere-se ao discurso do patriarcado, que coloca a maternidade como função primordial – e, muitas vezes, única, da mulher. Vale ressaltar que o texto coloca os compromissos profissionais em último lugar, dentre as ocupações da mulher.

O uso de expressões termos como *dilema* e *fórmula*, associados à ênfase na perspectiva da criança, como um sujeito que conclama a mãe mostra uma inclinação do elemento provocador para a leitura que defende a mãe que não trabalha. O sujeito feminino que pretende trabalhar é apresentado como fragmentado, desmembrado entre o filho, o marido e o trabalho, perdendo, portanto, sua completude que existia antes das instituições modernas.

Além disso, é importante frisar que a figura paterna não é citada em todo o elemento, apenas cunha-se a ideia masculina de “marido”, apresentado no texto como algo que também deve ser cuidado pela mulher. Esse apagamento do homem como pai confere uma noção de que ele não tem qualquer responsabilidade na criação dos filhos e até mesmo de si próprio, apenas a mulher está sujeita a esse papel responsável. De acordo com a análise, o texto sugere uma dupla “culpabilização” ao sujeito-mãe, primeiro por sair desse ambiente doméstico, considerado por séculos como seu lugar, e segundo por não conseguir dar a devida atenção, ou que a sociedade patriarcal julga como certa, à casa e aos filhos.

Narrativamente, observa-se uma manipulação que visa a adesão do leitor à sanção feita pelo jornal de um conjunto de ações que

⁴ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2021

vem ocorrendo, a passagem do sujeito (mulher) da disjunção para a conjunção com o objeto (trabalho), acarretando um processo de transformação social. Na busca de levar o destinatário (leitor) a aderir ao seu ponto de vista, o texto intimida as mães, ameaçando as com valores negativos, no caso o abandono materno do filho, para que se sinta no *dever* de voltar ao *status quo* do sujeito-mãe dedicado, amável e completo com a maternidade.

Essa tentativa de colocar sempre o feminino como sujeito responsável nos deveres com a criança é fruto da sociedade patriarcal, já que cabe sempre exigir da mãe, antes de qualquer coisa, o dever com o papel materno, definindo como “boa mãe” a mulher casada, que não trabalha longe do filho, com grande disponibilidade de tempo para este, e que nunca coloca a carreira como foco.

A oposição fundamental do texto é caracterizada pelos elementos restrição *versus* *ampliação*, que se concretiza tematicamente como exclusivamente *mãe versus mãe que também trabalha*. De modo não explícito, pelas estratégias apontadas, observa-se que o elemento provocador considera a restrição eufórica e a ampliação, disfórica.

O segundo elemento provocador selecionado (Figura 2) fez parte da edição de 2019.2 e traz como título a frase “Maternidade no currículo”, abordando, assim como o anterior, a temática da mulher mãe e o trabalho. O elemento é construído com um texto jornalístico e discute o impacto da maternidade na carreira acadêmica de muitas mulheres:

Figura 2 – Elemento provocador “Maternidade no currículo”

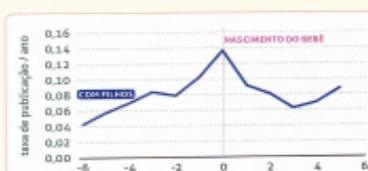
Maternidade no currículo

Projeto de pesquisadoras estima impacto das atividades como mãe na carreira científica



Trabalho comprometido

Produtividade das pesquisadoras que se tornaram mães cai significativamente em relação às que não têm filhos.



Fonte: Celpe-Bras, 2019.⁴

⁴ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/elementos-provocadores-da-parte-oral/2019-2>. Acesso em: 12 abr. 2021.

A matéria utilizada na composição do elemento provocador acima foi retirada da revista Pesquisa FAPESP e publicada em 2018, pelo jornalista Rodrigo de Oliveira Andrade.

Na análise do Plano de Expressão, observamos que o que mais chama a atenção é a categoria topológica com o contraste entre as orientações *alto versus baixo* e *central versus periférico*. Enquanto a ilustração está centralizada, os enunciados estão mais periféricos nos planos superior e inferior. No que confere o plano central, observa-se a figura da criança numa posição mais alta, em cima da mesa, e a mãe numa posição baixa, debaixo da mesa. Além disso, os objetos encontram-se atirados aleatoriamente pela criança, que deixa tudo bagunçado, “de pernas para o ar”. Essa questão evoca um efeito de superioridade da criança, ela está no controle, enquanto o fato de a mãe estar em uma posição inferior e mais baixa revela sua submissão. Porém, diferentemente do elemento anterior, a criança e a mãe encontram-se no mesmo ambiente de trabalho. Aqui não há associação entre trabalhar e abandonar o filho. No plano inferior, identificamos também a relação topológica entre *direito versus esquerdo*, o sentido em que os gráficos estão ordenados, ou seja, o leitor tem a primeira leitura do gráfico de produtividade da mulher com filhos e, depois, da mulher sem filhos. Há também a repetição do contraste alto e baixo na decaída dos trabalhos científicos feitos por mulheres com filhos e o crescimento daqueles cuja mulher não tem filhos.

No que concerne à categoria eidética, denota-se uma relação entre *curvilíneo versus retilíneo*, sendo este mais associado à estabilidade e organização e aquele, à instabilidade. Os contornos circulares, predominantes na imagem, são vistos na figura feminina e infantil, nos frascos químicos, na fonte das letras, que denotam um aspecto mais circular e também na curva do recorte dos gráficos, da ilustração e do elemento.

Na categoria cromática, observa-se como cor predominante o rosa claro, popularmente denominado de “rosa bebê”. Essa escolha de fundo está ligada tanto ao sujeito feminino, uma vez que na ideologia patriarcal tudo que possui a cor rosa é simbolicamente associado à mulher, como também, nesse caso, há um vínculo com o imaginário infantil, visto que o tom rosado clarinho é direcionado para uma delicadeza do recém-nascido. O vermelho também se faz presente no elemento, tanto em tom mais escuro como mais “vivo”, sua função parece funcionar como um contraste entre os demais elementos do texto, reforçando a representação da bagunça.

Entrando na análise do Plano de Conteúdo, no que confere à sintaxe discursiva, percebe-se que o elemento projeta, na enunciação, um enunciador que utiliza a debreagem enunciativa, produzindo um discurso em terceira pessoa. Cria-se, portanto, um efeito de objetividade e afastamento na enunciação, uma vez que se ausenta o *eu* do discurso, em detrimento de um *e/le* científico. O intuito é informar e, ao mesmo tempo, convencer o enunciatário de que a pauta sobre a maternidade e carreira é verdadeira e relevante, servindo-se do discurso científico para validar sua argumentação. A exposição dos gráficos de porcentagens de produtividade das acadêmicas, com e sem filhos reforça esse efeito de sentido de objetividade e verdade.

Na “figurativização” da semântica discursiva, verifica-se a ideia da maternidade como uma atividade fatigante e que prejudica o trabalho acadêmico, uma vez que é, por meio das figuras do microscópio, da mulher de terno, da poltrona, da mesa de trabalho, dos frascos de experimentos químicos, das folhas de papéis bagunçadas, lápis, fórmulas químicas e, por fim, da criança em cima da mesa, que identificamos como esfera os temas do trabalho acadêmico e da maternidade. Essas figuras no elemento provocador visam a reforçar os desafios que a mulher, enquanto mãe, passa a enfrentar por conta do acúmulo de

tarefas e responsabilidades, criando o efeito de um ambiente caótico, onde a mãe precisa se desdobrar entre a vida acadêmica e materna.

À semelhança do elemento anterior, a temática central aqui também é maternidade e trabalho, nesse caso, mais especificamente, a pesquisa científica. Entretanto, diferentemente do elemento anterior, em que há uma tensão entre conciliar ou não o trabalho e a maternidade, nesse caso a mulher é mãe e cientista, ou seja, a conciliação entre maternidade e trabalho já é uma realidade. Enquanto no primeiro elemento vê-se uma tentativa de volta da mulher ao ambiente doméstico, fruto de uma sociedade brasileira patriarcal ainda impactada com as conquistas feministas e a saída da mulher do ambiente doméstico, nesse já há uma discussão mais aprofundada e sólida, na qual a solução se configura por implementações de ações inclusivas e de combate à desigualdade de gênero.

Enquanto a figura feminina aparece bem presente no elemento, tanto nas ilustrações como nos signos verbais, exercendo o papel de mãe, a figura do homem é completamente apagada. Em nenhuma parte do elemento há a imagem paterna ou subtende-se a divisão de tarefas com o pai. O pai é ausente tanto no elemento como na vida cotidiana. Evidencia o discurso da sociedade patriarcal que considera a mulher como necessária em todo o cuidado com a criança, mostrando os efeitos dessa exigência na carreira. No elemento, vê-se uma denúncia à grande responsabilidade atribuída ao feminino, de quem é exigida integralmente a função de mãe, um trabalho demasiadamente cansativo do ambiente doméstico, ao mesmo tempo em que precisa atuar na esfera pública de sua carreira.

Isso é visto na própria ilustração, uma vez que a figura da mãe aparece escondida embaixo da mesa, com seus trabalhos científicos bagunçados, além de apresentar uma expressão assustada e desesperada. A mulher é obrigada a exercer o papel de mãe, ao mesmo

tempo em que realiza suas atividades acadêmicas. Dessa falta de auxílio paterno, aliada à cobrança da sociedade patriarcal e capitalista, emerge a figura materna contemporânea; a mulher que se desdobra em vários papéis. Por meio disso, observa-se que o elemento provocador considera que, ao assumir o papel de mãe, o sujeito feminino passa a exercer muitas responsabilidades, provocando uma queda considerável em sua produção científica.

Essa questão é identificada pela narrativa que se segue do destinador com o destinatário. Isto é, para gerar esse convencimento, o elemento manipula o destinatário-leitor por tentação, oferecendo informações para ampliar seu repertório de conhecimento sobre a situação da mãe cientista. Mais uma vez, há um conjunto de ações paralelas ocorrendo na sociedade – sujeitos (mulheres cientistas) que entram em conjunção com o objeto (maternidade), por um lado, e, por outro, sujeitos (mulheres cientistas que se tornam mães) entram em disjunção com o valor (alta produtividade acadêmica). O elemento pretende persuadir, no mesmo tempo em que informa o leitor de que cuidar de uma criança é uma obrigação bastante penosa e que requer muita dedicação, sendo, portanto, uma tarefa difícil de conciliar com a carreira científica, o que resulta em impactos negativos a ela.

A presença de uma mulher mãe e cientista, o fato de a pesquisa ter sido feita por pesquisadoras e o uso da expressão “trabalho comprometido” como título para a apresentação dos gráficos são estratégias que apontam reflexões que visem à redução desse “comprometimento”, ou seja, das dificuldades de conciliação entre maternidade e trabalho científico. Uma das conquistas para diminuir as dificuldades dessa conciliação foi a aprovação, em 2017, da Lei n. 13.536/2017, conhecida como “licença maternidade de pesquisa”, que concedeu às mulheres estudantes o direito de suspensão das atividades acadêmicas por 120 dias, recebendo a bolsa.

Vale lembrar que, no presente ano, 2021, houve mais uma conquista das mulheres: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) atendeu às demandas das representantes da comunidade científica e criou um espaço para o registro do período de licença maternidade na plataforma *Lattes* de currículos.

Voltando ao texto, observamos que há, portanto, uma dupla oposição fundamental. A primeira entre totalidade *versus* parcialidade, à qual se acopla uma segunda, a da produtividade *versus* improdutividade, as quais caminham em proporções inversas – quanto maior a totalidade, quanto mais papéis a mulher exerce, menor a produtividade. Dessa forma, percebe-se no texto outro “dilema”, a busca em conciliar maternidade, trabalho e produtividade, conciliação esta considerada eufórica.

Considerações finais

Com base no que explicitamos ao longo do texto, concluímos algumas questões sobre o Celpe-Bras, no que concerne à trajetória do sujeito materno que atua profissionalmente. Na análise dos elementos provocadores, buscamos compreender como a mulher que trabalha está sendo representada para os interlocutores estrangeiros, através do discurso do Celpe-Bras. Dessa forma, esse artigo leva em consideração que estes discursos representam o imaginário acerca do indivíduo feminino materno difundido pelo governo do Brasil aos estrangeiros e brasileiros que têm acesso às provas do Celpe-Bras.

Em geral, observamos um deslocamento discursivo no exame em comparação com as edições antigas e atuais. Enquanto nas edições passadas houve uma frequência de discursos sustentados pela ideologia patriarcal, tentando encerrar a mulher no papel exclusivo de mãe, nas edições mais recentes a faceta usada pelo exame é outra, já que se sustenta uma progressão nas discussões em torno da mulher

no trabalho. Enquanto a edição de 2008 leva à reflexão sobre se a mulher deveria “trabalhar ou não”, já na edição de 2019 o examinado é convidado a refletir em torno da cobrança feminina com os filhos e como esta questão afeta o desempenho feminino. Percebe-se, portanto, um deslocamento na configuração da ideologia do exame, assim como da própria sociedade brasileira.

Entretanto, ainda que a prova tenha se utilizado das pautas feministas para conduzir essa desconstrução dos papéis de gênero, os temas predominantemente associados à mulher são beleza e maternidade, ou seja, temas também associados ao sujeito feminino no discurso patriarcal. Além disso, como mostraram as análises, a figura do pai encontra-se totalmente ausente das discussões.

Assim, a comparação entre os dois elementos provocadores mostra um processo de mudança na condição do sujeito-mulher que corresponde a um avanço em direção à maior igualdade de gênero. Entretanto, por enquanto, a mãe trabalhadora é ainda um sujeito assoberbado.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, Diana. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 187-219.

BARROS, Diana. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 5. ed. Rio de

Janeiro: Nova Fronteira, 2019. v. 1.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. v. 2.

DICIONÁRIO *HOUAISS* DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologie de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Paris: Hadès-Benjamins, 1985.

FLOCH, Jean-Marie. *Sémiotique, marketing et communication*. 2. ed. Paris: PUF, 1995.

FLOCH, Jean-Marie. *Idetités visuelles*. Paris: PUF, 1985.

GREIMAS, Algirdas. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1973.

GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

PEREIRA, Jessye Késsia de Carvalho. *Gênero e discurso no exame Celpo-bras: a construção do feminino através de uma análise semiótica dos elementos provocadores*. 2020. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Português, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

PROPP, W. *Morphologie du conte*. Paris: Gallimard, 1970.

SCAVONE, L. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 16, p. 137-150, 2016.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. O corpo da mãe na literatura: uma

ausência presente. *In*: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; SWAIN, Tania Navarro (org.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007. p. 85-116. v. 1.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. *Gragoatá*, Niterói, RJ, v. 9, n. 16, p. 229-242, jan./jul. 2004.

TEIXEIRA, Lucia. *Leitura de textos visuais: princípios metodológicos*. *In*: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua portuguesa: lusofonia: memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 299-306.

Recebido em: 18/4/2021

Aprovado em: 30/6/2021